

Apontamentos sobre a Cartografia e a pesquisa em Educação Musical com crianças

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: Educação Musical

Fabrcio Malaquias-Alves¹
Universidade Federal de Minas Gerais
fabrcio.malaquias@hotmail.com

Resumo. Este texto é parte de uma pesquisa de Doutorado em Música, em andamento, e busca apresentar a cartografia como encaminhamento metodológico interessante para pesquisas em Educação Musical com crianças, e especialmente consonante com nossa própria investigação. Por meio de um recorte de revisão bibliográfica, a comunicação se propõe a apresentar, de forma reflexiva, algumas características da pesquisa cartográfica (PASSOS, KASTRUP e ESCÓSSIA, 2015; PASSOS e BARROS, 2015); alguns exemplos de cartografias sobre músicas e crianças (BRITO, 2007; VALIENGO, 2017; MAZIERO, 2021); em diálogo com a Sociologia da Infância (especialmente, CORSARO, 2011; SPYROU, 2018) – perspectiva epistemológica de nosso estudo; além de outras contribuições da literatura. Conclui-se que a pesquisa cartográfica se mostra adequada para acompanhar processos de ensino, aprendizagem e criação musical com crianças, por colocar em evidência a importância das redes e conexões imbricadas nesses processos, permitindo visões mais amplas e matizadas das subjetividades e elementos que compõem os contextos acompanhados.

Palavras-chave. Educação Musical, Infâncias, Cartografia, Sociologia da Infância.

Title. Notes on Cartography and Research in Music Education with Children

Abstract. This text is part of a PhD research in Music, in progress, and seeks to present cartography as an interesting methodological approach for research in Music Education with children, and especially in line with our own investigation. Through a bibliographic review clipping, the communication proposes to reflectively present some characteristics of cartographic research (PASSOS, KASTRUP and ESCÓSSIA, 2015; PASSOS and BARROS, 2015); some examples of cartography about music and children (BRITO, 2007; VALIENGO, 2017; MAZIERO, 2021); in dialogue with the Sociology of Childhood (especially CORSARO, 2011; SPYROU, 2018) – epistemological perspective of our study; in addition to other contributions from the literature. It is concluded that the cartographic research is adequate to accompany teaching, learning and musical creation processes with children, by highlighting the importance of networks and intertwined connections in these processes, allowing broader and more nuanced views of the subjectivities and elements that make up the monitored contexts.

Keywords. Music Education, Childhood, Cartography, Sociology of Childhood.

¹ Doutorando em Música (Educação Musical) no Programa de Pós-Graduação da Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) – Bolsista CAPES. Orientadora: Profa. Dra. Helena Lopes da Silva.

Introdução

Este texto é parte da pesquisa de Doutorado em Música, em andamento, intitulada *Música “para” e “com” as crianças: confluência das artes e educação infantil*, que tem como principal objetivo reconhecer propostas de ensino e criação musical “para” e “com” crianças que contribuam para pensar a aula de música, na infância, enquanto *acontecimento artístico*.

Isso surge como uma preocupação relacionada a abordagens de ensino musical demasiadamente prescritivas, e como busca por alternativas para a excessiva valorização do conhecimento lógico-racional na sociedade e na escola (CAMNITZER, 2017; ACASO e MEGIAS, 2017; FISCHER, 2019), que também reverbera no ensino de música (FONTERRADA, 2008; SCHAFER, 2011; CARDOSO, 2020). Propõe-se, assim, valorizar também a estética² como forma de conhecimento ainda na infância, de modo que a possibilidade da aula de música enquanto acontecimento artístico se fundamenta, de modo especial, na *criação* e na *reflexão* – características consideradas artísticas, e, portanto, fundamentais para o fazer artístico na contemporaneidade (SCHAFER, 2011; ACASO e MEGIAS, 2017; CAPRA e LOPONTE, 2016).

Nesta comunicação, discorre-se, de maneira reflexiva, sobre a escolha da pesquisa cartográfica como encaminhamento metodológico de nossa investigação. Para tanto, apresentamos o recorte de uma revisão de literatura que aponta para o a cartografia como metodologia interessante também para pesquisas em Educação Musical com crianças.

Por se tratar de revisão de literatura inicial sobre o tema, neste trabalho, não foram consideradas de forma rigorosa as modalidades de revisão bibliográfica existentes (narrativa, integrativa ou sistemática). Buscou-se, no entanto, apresentar contribuições importantes para a discussão, por exemplo, algumas características da pesquisa cartográfica, especialmente indicadas por Passos, Kastrup e Escóssia (2015) e Passos e Barros (2015); alguns exemplos de

² Assim como Hoyuelos (2020): “Concebemos a estética como “o estudo dos processos desenvolvidos no criador e no espectador por meio dos quais a beleza é criada e reconhecida” (Bateson, G. e Bateson, M. C., 1989, p. 205). Essa definição que Bateson, posteriormente e de forma muito acertada, modificou, propondo uma ideia de estética como o *ser sensível à estrutura que conecta as coisas ou os acontecimentos*. Essa ideia nos parece complementar àquela que afirma que o genuíno critério estético nos permite discernir, dentro do universo, “o que realmente resulta imprescindível para nossa própria autoestima (Trías, 2001, p. 269). Consideramos, também, a estética não apenas pela estrutura, mas também pela importância do detalhe, pelo gosto por aperfeiçoar as ações, por fazê-las entender ou expô-las de forma atrativa ou a gosto para cultivar a sensibilidade pessoal.” (HOYUELOS, 2020, p. 28, itálicos do autor)

cartografias produzidas na Educação Musical com crianças, como aquelas de Brito (2007), Valiengo (2017) e Maziero (2021); e algumas contribuições da Sociologia da Infância, especialmente por meio do diálogo com autores como Corsaro (2011) e Spyrou (2018) – perspectiva epistemológica de nosso estudo –; além de outras contribuições que se mostraram adequadas para esta discussão.

Espera-se, ao fim da investigação, reconhecer propostas de ensino e criação musical na infância consonantes com alguns modos de ser e estar das crianças na contemporaneidade, que têm sido apontados pela Sociologia da Infância. Contribuições mais atuais desse campo (por exemplo, SPYROU, 2018) também têm convidado os pesquisadores a uma postura que considere de forma situada as condições espaço-temporais em que a agência e as culturas (portanto, também as músicas) da infância se produzem, objetivo para o qual a cartografia tem se revelado como encaminhamento metodológico bastante assertivo.

A cartografia como método de pesquisa

O sentido da cartografia, enquanto método de pesquisa, reside no “acompanhamento de percursos”, na “implicação em processos de produção”, e na “conexão de redes ou rizomas” (PASSOS, KASTRUP e ESCÓSSIA, 2015, p. 10), com referência no pensamento *rizomático* de Gilles Deleuze e Félix Guattari [1980]/(1995).³ Como proposta metodológica, a cartografia se orienta, portanto, como um trabalho de investigação não-prescritivo, mas ancorado na prática e decorrente do próprio processo acompanhado (PASSOS e BARROS, 2015, p. 18).

É necessário esclarecer que, mesmo que os objetivos apriorísticos, na investigação cartográfica, sejam, por vezes, suspensos, a abordagem se caracteriza não pela ausência de direção metodológica, mas por uma “reversão” do sentido metodológico tradicional, onde o percurso tem a primazia, por meio e no decorrer do qual as metas ou objetivos são traçados. Desse modo, o percurso da pesquisa cartográfica é dado mais por pistas do que por certezas e colabora para a atualização, ou mesmo, para a construção do método. A experiência possui

³ “A metáfora do rizoma subverte a ordem da metáfora arbórea, tomando como imagem aquele tipo de caule radiforme de alguns vegetais, formado por uma miríade de pequenas raízes emaranhadas em meio a pequenos bulbos armazenatórios, colocando em questão a relação intrínseca entre as várias áreas do saber, representadas cada uma delas pelas inúmeras linhas fibrosas de um rizoma, que se entrelaçam e se engalfinham formando um conjunto complexo no qual os elementos remetem necessariamente uns aos outros e mesmo para fora do próprio conjunto. Diferente da árvore, a imagem do rizoma não se presta nem a uma hierarquização nem a ser tomada como paradigma, pois nunca há um rizoma, mas rizomas; na mesma medida em que o paradigma, fechado, paralisa o pensamento, o rizoma, sempre aberto, faz proliferar pensamentos.” (GALLO, 2003, p.93)

prioridade na pesquisa cartográfica, e as relações entre sujeito e objeto, entre saber e fazer, entre teoria e prática, nela são enfatizadas (PASSOS e BARROS, 2015, p. 17).

Há, no ato de cartografar, inclusive em seu sentido dicionarizado – “arte de compor cartas geográficas”, ou “descrição de mapas geográficos”⁴ –, a ideia da narrativa, do itinerário, do inexplorado que ganha direito de existência e de “cidadania no papel”, e em suas origens encontra-se a necessidade de abranger o espaço e o tempo na mesma imagem (CALVINO, 2010).

As sugestões filosófico-literárias de Calvino (2010) aclaram, também, a noção de pesquisa cartográfica em seu acompanhamento de processos e percursos, bem como das redes e rizomas que, a partir deles, se projetam. Isso faz com que o método seja apresentado, necessariamente, como *pesquisa-intervenção*, o que, se não é prerrogativa exclusiva da cartografia, nela se mostra como condição de desenvolvimento:

Não há neutralidade do conhecimento, pois toda pesquisa intervém sobre a realidade mais do que apenas a representa ou constata em um discurso cioso das evidências. Há que se colocar em análise os atravessamentos que compõem um “campo” de pesquisa. (PASSOS e BARROS, 2015, p. 20-21)

Nesse viés, mais sentidos da cartografia como *pesquisa-intervenção* podem ser evidenciados, especialmente por meio da ênfase no papel do pesquisador, o qual mergulha e toma parte no *plano de experiência*, onde o conhecimento se produz, “impedindo qualquer pretensão à neutralidade ou mesmo suposição de um sujeito e de um objeto cognoscentes prévios à relação que os liga. (...) Conhecer é, portanto, fazer, criar uma realidade de si e do mundo, o que tem consequências políticas” (PASSOS e BARROS, 2015, p. 30).

Questões metodológicas importantes encontram-se nas bases do método cartográfico, e dizem respeito ao seu não-enquadramento nos modelos hegemônicos do fazer científico moderno, dado o caráter processual desse novo tipo de investigação. Nesse sentido, os “Mil platôs” de Deleuze e Guattari [1980]/(1995)⁵, cuja coerência, segundo os próprios filósofos, jaz na recusa do modelo hierárquico e radiciforme do pensamento (e, naquele caso, da escrita), e na aceitação da *diversidade e da multiplicidade de linhas de força*, surgem como referências

⁴Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/cartografia/> . Consultado em 25/07/2023.

⁵ Passos, Kastrup e Escóssia (2015) referem-se à Introdução de “Mil Platôs”, obra dos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari, publicada em 1980, na qual os autores lançam as bases do pensamento rizomático.

para a pesquisa cartográfica, e auxiliam na resposta das questões metodológicas levantadas (PASSOS, KASTRUP e ESCÓSSIA, 2015, p. 9).

Os mil platôs se mantêm lado a lado sem hierarquia e sem totalização. Tal geologia filosófico-política convoca a uma decisão metodológica, ou melhor, a uma atitude (ethos da pesquisa) que opera não por unificação/totalização, mas por “subtração do único”, como na fórmula do n-1. Menos o Uno. Menos o Todo, de tal maneira que a realidade se apresenta como plano de composição de elementos heterogêneos e de função heterogenética: plano de diferenças e plano do diferir frente ao qual o pensamento é chamado menos a representar do que a acompanhar o engendramento daquilo que ele pensa. (PASSOS, KASTRUP e ESCÓSSIA, 2015, p. 10)

Não obstante a pertinência dessa abordagem para processos que envolvem arte, educação e relações humanas, algumas restrições, decorrentes de posturas essencialmente positivistas na pesquisa científica, são impostas a métodos como a cartografia. Essa constatação reforça críticas que têm sido direcionadas à adoção hegemônica de métodos quantitativos, que tendem a limitar ou a inibir a realização de pesquisas que requerem abordagens mais flexíveis, como, por vezes, se faz necessário em campos como as artes e a educação. Barbosa (2014) apresenta sua perspectiva a respeito:

A partir dos anos de 1970, estabelece-se, no cenário internacional, uma grande discussão sobre a hegemonia da pesquisa quantitativa. Vários campos teóricos contrapunham-se ao positivismo hegemônico e problematizaram a hegemonia da pesquisa experimental. Porém, ainda hoje, essa é a principal referência de ciência vigente em grande parte das fundações de apoio à pesquisa e das revistas científicas. (BARBOSA, 2014, p. 240)

Ao tratar da pesquisa etnográfica – com a qual, aliás, a cartografia compartilha algumas características –,⁶ a autora comenta que a exigência da apresentação de uma metodologia definida anteriormente à realização da pesquisa de campo, por parte dos Comitês de Ética, também impõe restrições a abordagens como as que aqui procuramos analisar (BARBOSA, 2014, p. 240) – a saber, o método cartográfico. Essa problematização é realizada no campo da Educação Musical, com suas especificidades e necessidades, e transparece na fala de Valiengo (2017):

Conhecimento e artes dialogam por meio das experiências. Para considerar as realidades da época atual, das propostas contemporâneas da Educação

⁶ Ambas fazem uso da observação participante, por exemplo (BARROS e KASTRUP, 2015, p. 56).

Musical, das ciências, das subjetividades, enfim, é preciso escolher um caminho metodológico que considere tudo isso. (VALIENGO, 2017, p. 29)

Nesse viés, a cartografia tem sido empregada também na Educação Musical, para acompanhar processos e percursos que envolvem ensino e aprendizagem musical com crianças (por exemplo: BRITO, 2007; VALIENGO, 2017; MAZIERO, 2021). O alinhamento a essa corrente metodológica de cartografar processos criativos e educacionais relacionados à música pode favorecer propostas de educação musical na infância, a partir da evidência e do apontamento de movimentos de mudança, a saber, as linhas que se projetam a partir do *rizoma-aula de música*. Assim, pesquisas desse tipo têm se debruçado sobre o entendimento das redes de conexões imbricadas nas relações intrageracionais e intergeracionais nas quais a música na infância pode se produzir.

A cartografia em pesquisas da Educação Musical

A cartografia, como encaminhamento metodológico, tem sido adotada na Educação Musical, em pesquisas que se propõem a acompanhar processos de ensino e aprendizagem musical que envolvam crianças (por exemplo: BRITO, 2007; VALIENGO, 2017; MAZIERO, 2021). Instrumentos de recolha de dados, como o registro em diário de bordo, as gravações em áudio, em vídeo, e fotos, os depoimentos espontâneos, os relatos, as rodas de conversas com as crianças, e as entrevistas, são usuais nesse tipo de pesquisa.

Brito (2007), cuja tese de doutorado tem sido referência importante para outros trabalhos que tematizam a educação musical com crianças, concentrou-se em cartografar relações do ser humano com os sons e com músicas, a partir das possibilidades e significados que daí decorrem (p. 14). A proposta de mapa cartográfico da autora, portanto, buscou discorrer sobre “ideias de música em tempos e espaços próximos ou distantes” para, a partir disso, “instaurar um pensar com múltiplas entradas, em dinâmico e contínuo processo de construir e conectar, revelando, assim, características de um pensar *rizomático*” (BRITO, 2007, p. 14).

A incursão conceitual e filosófica da pesquisadora, ao se apoiar nas noções de Deleuze e Guattari, se propõe a analisar como a criança reinventa a música, e, a partir também das contribuições de Gallo (2003), favorece o pensamento de uma “educação musical em modo menor” – resistência ao modelo hegemônico e tradicionalista de ensino musical (BRITO, 2007).

Para pensar a educação musical na perspectiva rizomática, Brito recorda o modelo curricular circular proposto por Hans-Joachim Koellreutter, e compara-o à ideia do rizoma. São apontados como importantes possibilidades dessa proposta curricular: a atitude de “apreender do aluno o que ensinar”, bem como maior liberdade, onde acontecimentos seriam disparados por outros, onde os conhecimentos seriam cruzados, e os conceitos, envolvidos, evitando ordens sequenciadas (BRITO, 2007, p. 266). Ao analisar os movimentos cartografados por sua pesquisa, a mesma autora relata:

o que podemos afirmar é que o percurso flui de planos de vivência qualitativa para o quantificar; do impreciso ao preciso, conforme nossa análise, do “menos detalhado” ao “mais detalhado”: à inteireza do Pensamento se agrega a inteligência que nomeia, que detalha, que funciona; o mergulho no caos se atualiza em formas sonoras sensíveis que misturam sonoridades e musicalidades. (BRITO, 2007, p. 266)

Maziero (2021), que analisou aulas de percussão corporal com crianças, indica pontos de convergência entre o método cartográfico e a pesquisa realizada com crianças, na medida em que o protagonismo infantil pode ser enfatizado, em diálogo com a Sociologia da Infância. Tal postura pressupõe, no entanto, a escuta, a atenção e a sensibilidade do pesquisador para o conhecimento que pode surgir do encontro com as crianças (MAZIERO, 2021, p. 99). Para tanto, a autora centra-se na importância da *escuta* das perspectivas das crianças como elemento favorecido pela pesquisa cartográfica.

Nas aulas acompanhadas, a pesquisadora procurou evidenciar e compreender as descobertas e as relações advindas da prática musical com aquele público específico (MAZIERO, 2021, p. 7), informando que *com* as crianças foram realizadas as intervenções necessárias durante a pesquisa (p. 60). Nesse sentido, concorda com Passos e Barros (2015, p. 30 e 31), para afirmar que “a pesquisa-intervenção [característica do método cartográfico] dá-se pela criação do caminho a ser percorrido, ou seja, nós, sujeitos participantes da pesquisa, constituímos juntos os caminhos que pudemos andar durante os meses de investigação” (MAZIERO, 2017, p. 60).

A tese de doutorado de Valiengo (2017) centrou-se no protagonismo e na criatividade das crianças, bem como no diálogo como condição para a educação musical que diga respeito a esses sujeitos. Desse modo, e, também apoiada na Sociologia da Infância, a autora buscou compreender como o processo de aprendizagem musical envolvendo crianças e professores se dá na Escola Municipal de Iniciação Artística – EMIA –, em São Paulo.

Segundo a pesquisadora, que também enfatiza o caráter processual da investigação, o mapa, o qual a cartografia se propõe a traçar, é criado enquanto o caminho é percorrido (VALIENGO, 2017, p. 24), e são exatamente essas as pistas da cartografia que apontam para sua adoção enquanto método. “Um mapa é uma representação metrificada, em escala, que visa ser a mais precisa possível. Nesse sentido, um mapa é pontuado pela fidelidade, ou ao menos pela sua busca” (VALIENGO, 2017, p. 26-27) – eis, então, uma das condições para o rigor metodológico da cartografia.⁷

Acostadas a termos como “acidente”, “casualidade”, “acontecimento imprevisto”, “irregularidade do terreno, quebra, ondulação” (VALIENGO, 2017, p. 27), surgem mais entendimentos para o método cartográfico e sua pertinência para processos de educação musical infantil – na aceitação de seus devires:

No aparato maior das precisões, há espaço para a dobra, para a reentrância, para o enviesado. Um mapa, então, carrega em si o convite para o não mapeado, na forma de uma ligação entre si, geradora de profundos significados. Um mapa pode conter em sua natureza e em sua normatização o espaço para o relacional, para o obtuso, para o complementar, para o inesperado. Muito contundente e muito inteligente enquanto proposta. (VALIENGO, 2017, p. 27)

O desconhecido que se desdobra como conhecimento científico na prática da cartografia também é enfatizado por Maziero (2021, p. 60), como um “território com o qual não há o reconhecimento imediato, criando esse ambiente de observação”.

Alinhados a tais sugestões, aceitamos a educação musical de que tratamos como um processo não linear, onde a novidade e a espontaneidade são vistas como produtoras de conhecimento científico *sobre*, mas, principalmente, *com* crianças. A escolha desse caminho, por nossa pesquisa, se dá pela forte identificação com os pressupostos e questões norteadoras da investigação, que, como *linhas de força* ou *coordenadas*, colaboram para o mapeamento dos processos que procuramos enfatizar, em diálogo com a Sociologia da Infância.

⁷ Nessa direção, Corrado Ziglio (1999) indica: “(...) nas pesquisas da área educacional, não é a aplicação de modelos matemáticos que garante a cientificidade, mas, sim, as descrições claras e precisas. Dessa forma, quando se cometem erros, e sempre se cometem, esses podem ser vistos pelos outros mais facilmente, podendo ser corrigidos” (ZIGLIO, 1999, p. xi).

Cartografar músicas *para e com* crianças: diálogos com a Sociologia da Infância

Nossa pesquisa se propõe a cartografar processos de ensino, aprendizagem e criação musical *para e com* crianças, para apontar, a partir das contribuições das crianças e dos adultos envolvidos nesses processos, elementos que permitam pensar a aula de música na infância enquanto *acontecimento artístico*.

Na perspectiva de nosso estudo, a evidência de elementos, que como *linhas de força* se projetam dessa perspectiva pedagógica e musical, também pode colaborar para uma leitura artística dos processos de que nossa pesquisa se ocupa. Além do espaço para *criação e reflexão* (SCHAFER, 2011; ACASO e MEGIAS, 2017; CAPRA e LOPONTE, 2016), podemos citar mais elementos: uma educação musical na infância que admita a interface comum entre a música e as outras linguagens artísticas, na perspectiva da *confluência das artes* (SCHAFER, 2002; 2011); a articulação entre docência e fazer artístico, que se traduz em *docência artística* e na atuação de *professores-artistas* (ACASO e MEGIAS, 2017; CAPRA e LOPONTE, 2016) como mediadores da experiência musical na infância; o reconhecimento de outras formas de expressão além da linguagem verbal e da escrita, o que inclui a musicalidade, mas também o visual, e teatralidades observáveis nas relações professores-estudantes, e das crianças com seus pares.

É bem verdade que a cartografia, enquanto método de pesquisa, evita, em certa medida, a adoção de elementos apriorísticos, já que ela “não é movida por problemas dados de antemão, porque estes muitas vezes não levam ao descobrimento do novo ou no melhor dos casos, ao encontro do que já era conhecido” (GOMES; COSTA; MENDONÇA, 2019, p. 115).

No caso de nossa pesquisa, com suas hipóteses e pressupostos importantes, a solução parece vir novamente das sugestões filosófico-literárias de Calvino (2010), que indicam que o ato de cartografar se constitui na projeção para o tempo futuro, mas também na abrangência do tempo passado, e, portanto, se baseia também em mapas e coordenadas já existentes.

Nosso interesse em cartografar propostas de ensino e criação musical para crianças, se fundamenta em uma educação musical que se mostre coerente com alguns aspectos da Infância, nas suas multiplicidades, que têm sido enfatizados pelos Estudos da Infância. Por isso, a pesquisa se apoia na Sociologia da Infância, a fim de compreender alguns modos de ser e estar das crianças no mundo, suas necessidades e contribuições (SARMENTO, 2002; 2004; 2009;

2013); bem como a maneira como essas produzem cultura a partir do que para elas é criado (CORSARO, 2011).

Essa perspectiva contrapõe o adultocentrismo das práticas tradicionais, mas também evita uma possível idealização da infância que desconsidere a importância do contexto social e cultural na produção das culturas da infância. Por isso, a atividade musical *com e para* crianças se apresenta como um processo que leve em consideração tanto as vozes das crianças, quanto as dos adultos, isto é, as relações intrageracionais e intergeracionais nas quais as produções musicais e artísticas podem se constituir.

Assim, contribuições advindas da Sociologia da Infância, e contextualizadas em nosso estudo, apontam para a cartografia como um interessante encaminhamento metodológico para investigar processos musicais com crianças, e, mais do que isso, analisá-los nas múltiplas redes e rizomas que os compõem.

Corsaro (2011), por exemplo, propõe uma leitura alternativa às perspectivas mais tradicionais acerca do desenvolvimento infantil, as quais, por vezes, apresentam uma visão linear e isolada da criança. O autor indica processos de produção cultural próprios das crianças – denominados processos de *reprodução interpretativa* –, fortemente marcados pela linguagem, pela integração e pela participação em rotinas culturais. Além disso, demonstra, por meio do modelo de “teia global”, a multiplicidade das culturas de pares das crianças, as quais, por sua vez, estão incorporadas em culturas distintas e mais amplas, interligadas, compostas pelos pares e pelos adultos, tendo a família como ocupante do eixo central (CORSARO, 2011).

Spyrou (2018) aponta que conceitos como *agência, voz e participação* das crianças⁸ têm direcionado discussões e estudos no campo da Sociologia da Infância, já que os esforços para apreender as *perspectivas* das crianças, possibilitaram, na busca pela construção de sua imagem como atores-sujeitos-autorreflexivos, um resgate desses sujeitos de sua invisibilidade (SPYROU, 2018, p. 85-86). Contudo, o autor convida o próprio campo a analisar tais conceitos de modo mais crítico, para permitir visões mais matizadas das crianças e considerar perspectivas mais contextualizadas de sua ação social e de seus pontos de vista, evitando que a vulnerabilidade das crianças seja ofuscada (SPYROU, 2018, p. 125).

⁸ Hanna e Lundy (2021), ao definirem *voz das crianças*, indicam que termos como *pontos de vista; participação; tomada de decisões; perspectivas; visões e experiências das crianças* – embora possuam, cada um deles, suas especificidades – têm acompanhado a noção de empoderamento desses sujeitos e estão atrelados à ideia de captura de suas vozes em pesquisas sobre e com crianças (HANNA e LUNDY, 2021, p. 466).

Assim, e, apoiando-se nas contribuições do pós-estruturalismo e do pós-humanismo, Spyrou convida a Sociologia da Infância a descentralizar o objeto de investigação do campo – a criança –, a pensar de forma relacional, e a mover-se “para além das reivindicações de verdade e autenticidade, muitas vezes representadas através das noções de ‘vozes de crianças’ e ‘perspectivas de crianças’, mas também a ampliar as redes de relações e associações que ligam as crianças com outros humanos e não-humanos em múltiplas escalas espaciais e temporais” (SPYROU, 2018, p. 28, tradução nossa).

Tais contribuições apontam para questões metodológicas, mas também éticas de pesquisas que envolvem crianças e suas culturas, nas quais a música parece ter papel importante. Elas convidam o pesquisador a uma atitude de *reflexividade* (SPYROU, 2018), pois permitem considerar o caráter situado e variado das perspectivas das crianças, já que: “ao colocar as vozes das crianças nos campos relacionais mais amplos do mundo, nos é oferecida a oportunidade de descentralizar a criança como sujeito e produzir conhecimento eticamente sintonizado com os aspectos relacionais da vida social” (SPYROU, 2018, p. 86, tradução nossa).

Considerações finais

De acordo com o exposto, concordamos sobre a necessidade de metodologias mais consonantes com a natureza artística da música, e que permitam acompanhar, de maneira adequada, as subjetividades produzidas e imbricadas em processos de educação musical com crianças. O rigor metodológico de investigações, como as que aqui enfatizamos, é dado, em grande medida, pelo caráter processual do método, e se confirma nas várias etapas de realização da pesquisa – do envolvimento atento e honesto, que é condição para a observação participante, à precisão dos relatos finais.

O problema de pesquisa que move nossa investigação dá origem a um objetivo principal, que se traduz no verbo *reconhecer*, e que não pretende resolver-se definitivamente ou apontar uma conclusão determinante e única. Interessa-nos, muito mais, a projeção para uma abertura de possibilidades – em outras palavras, fomentar o diálogo sobre os temas das músicas, das artes, das infâncias e das crianças. Nesse sentido, nossa pesquisa também acede à forma do rizoma, proposto por Deleuze e Guatarri (1995), pensado, na educação, por Gallo (2008), e na Educação Musical, pelos estudos exemplificados neste texto.

Pelas pistas da Cartografia, vislumbra-se a possibilidade de percorrer o emaranhado caleidoscópico de cores sons e formas que constituem o fazer musical na infância. A partir

disso, espera-se poder entrever mais propostas de educação musical condizentes com o universo infantil, e com alguns de seus aspectos mais característicos, que têm sido apontados pela Sociologia da Infância, notadamente aqueles presentes nas culturas da infância.

Nas mesmas pistas, propõe-se, então, olhar para processos que se mostram atinentes às indagações de nossa investigação, e que envolvem: a coletividade dos fazeres musicais relacionados à infância, e os diálogos intrageracionais e intergeracionais que estruturam esses fazeres; a mediação de professores-artistas, sensíveis às contribuições das crianças; a possibilidade artístico-educativa da música que não se furta a dialogar com as outras artes, sem, no entanto, abrir mão das especificidades de nossa área; e a busca por conhecer novas movimentações criativas que desses processos decorrem. Considera-se, para tal investida, que esses elementos, no âmbito da pesquisa cartográfica, assumam também o papel de "coordenadas", para o mapeamento de práticas pedagógicas, artísticas e musicais consonantes com o universo infantil.

Referências

ACASO, M.; MEGIAS, C. *Art thinking: como el arte puede transformar la educación*. Barcelona: Paidós Educación, 2017.

BARBOSA, M. C. S. A ética na pesquisa etnográfica com crianças: primeiras problematizações. *Revista Práxis Educativa*, 2014.

BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia. ESCÓSSIA, Liliana da (orgs.). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015.p. 52-75.

BRITO, M. T. A. de. *Por uma educação musical do pensamento: novas estratégias de comunicação*. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 288 f. 2007.

CALVINO, Italo. O viajante no mapa. In: CALVINO, Italo. *Coleção de areia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 25-32.

CAMNITZER, Luis. Prologo. In: ACASO, María; MEGÍAS, Clara. *Art thinking: como el arte puede transformar la educación*. Barcelona: Paidós Educación, 2017. p. 13-18.

CAPRA, Carmen; LOPONTE, Luciana Gruppelli. Ditos sobre professor-artista. In: *IX ANPEd Sul – Reunião Científica Regional da ANPEd: Educação, movimentos sociais e políticas governamentais*, 2016, Curitiba, PR. Anais eletrônicos da IX ANPEd Sul – Reunião Científica Regional da ANPEd: Educação, movimentos sociais e políticas governamentais. Curitiba, PR: UFPR, 2016. v. 1. p. 1-15.

CARDOSO, Renato de Carvalho. *O conhecimento musical na perspectiva da complexidade: possibilidades para a educação musical*. Tese (Doutorado em Música) - Instituto de Artes da UNESP, Universidade Estadual Paulista. São Paulo, 2020. 264 p.

CORSARO, Willian. *Sociologia da infância*. Porto Alegre: Artes Medicas, 2011.

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. *Mil Platôs*. v.1. Rio de Janeiro: Ed. 34 Letras, 1995.

FISCHER, Deborah Vier. *Pensar com cenas de escola: a arte, o estranho, o mínimo*. Tese (Doutorado). 188 f. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2019.

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. *De tramas e Fios: um ensaio sobre música e educação*. 2 ed. São Paulo: Editora UNESP; Rio de Janeiro: Funarte, 2008. 364 p.

GALLO, Silvio. *Deleuze & a educação*. Belo Horizonte: Autêntica. 2003.

GOMES, R. F. D.; COSTA, R. das N.; MENDONÇA, D. Pesquisar com crianças: contribuições da cartografia. In: AZEVEDO, G. A. N. (org.) *Diálogos entre arquitetura, cidade e infância*. Territórios educativos em ação. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU/PROARQ, 2019, p. 104-119.

HANNA, A. e LUNDY, L. Voz das Crianças. In: TOMÁS, C. et. Al. *Conceitos-chave em Sociologia da Infância. Perspectivas Globais*. Braga: UMinho Editora, 2021. p. 463-468.

HOYUELOS, Alfredo. *A estética no pensamento e na obra pedagógica de Loris Malaguzzi*. São Paulo: Phorte, 2020.

MAZIERO, Mariana Gomes. *Percussão corporal pela abordagem Barbatuques segundo as crianças: uma cartografia de escuta*. Dissertação (Mestrado em Música). 135 f. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes, São Paulo, 2021

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia. ESCÓSSIA, Liliana da. Apresentação. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia. ESCÓSSIA, Liliana da (orgs.). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015.p. 7-16.

PASSOS, Eduardo e BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (orgs.). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015. O. 17-31.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Imaginário e culturas da infância. Texto produzido no âmbito das atividades do Projeto “As marcas dos tempos: a interculturalidade nas culturas da infância”. Projeto POCTI/CED/2002.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. In: SARMENTO, M. J.; CERISARA, A. B. (Org.) *Crianças e Miúdos*. Perspectivas sociopedagógicas sobre infância e educação. Porto: Asa. 2004, p. 9-34.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Estudos da Infância e Sociedade Contemporânea: desafios conceituais. O Social em Questão. *Revista do Departamento de Serviço Social*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2009, Ano 12, nº 21-1, p. 15-30.

SARMENTO, Manuel Jacinto. A sociologia da infância e a sociedade contemporânea: desafios conceituais e praxeológicos. In: ENS, R. T.; GARANHANI, M. C. (Org.) *Sociologia da infância e a formação de professores*. Curitiba: Champagnat. 2013, pp. 13-46.

SCHAFER, Murray. *Patria: the complete cycle*. Toronto: Coach House Books, 2002.

SCHAFER, Murray. *O ouvido pensante*. São Paulo: Editora Unesp. 2011.

SPYROU, Spyros. *Disclosing childhoods: Research and Knowledge Production for a Critical Childhood Studies*. London: Palgrave, 2018.

VALIENGO, C. *Diálogo, protagonismo e criatividade: a cocriação na aprendizagem musical*. São Paulo, 2017. 190 f. Tese (Doutorado em Música). Instituto de Artes. Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”. São Paulo, 2017.

ZIGLIO, Corrado. Prefácio. In: RABITTI, Giordana. *À procura da dimensão perdida: uma escola da infância de Reggio Emilia*. Tradução: Alba Olmi. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda, 1999.